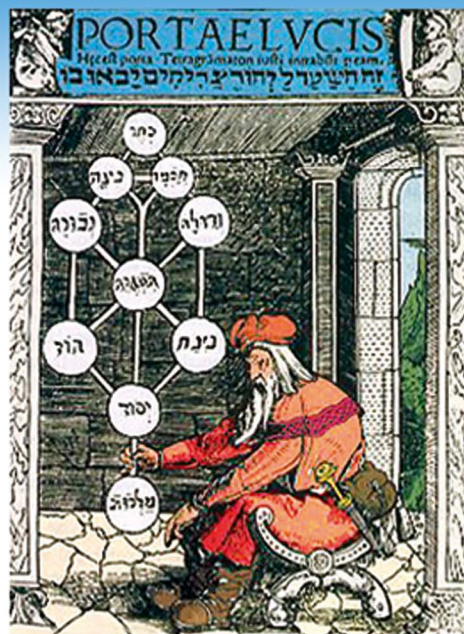


INTRODUÇÃO À
MÍSTICA
JUDAICA



WALTER REHFELD



Edições Loyola

INTRODUÇÃO À
MÍSTICA
JUDAICA

INTRODUÇÃO À
MÍSTICA
JUDAICA

WALTER REHFELD



Edições Loyola

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rehfeld, Walter Introdução a mística judaica / Walter Rehfeld. -- São Paulo : Edições Loyola, 2015. Bibliografia. ISBN 978-85-15-04216-6 1. Cabala - História 2. Misticismo - Judaísmo I. Título. 14-11812 CDD-296.712
--

Índices para catálogo sistemático:

1. Mística judaica 296.712

Capa: Walter Nabas

Árvore da vida <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tree_of_Life,_Medieval.jpg>

Diagramação: Ronaldo Hideo Inoue

Revisão: Sandra G. Custódio

Edições Loyola Jesuítas

Rua 1822, 341 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

T 55 11 3385 8500

F 55 11 2063 4275

editorial@loyola.com.br

vendas@loyola.com.br

www.loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN 978-85-15-04216-6

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2015



Sumário

Sobre o autor	7
Apresentação.....	9
CAPÍTULO 1	
Etimologia e significação do termo misticismo.....	11
CAPÍTULO 2	
Ezequiel, um exemplo paradigmático de visão mística na Bíblia.....	19
CAPÍTULO 3	
O misticismo dos átrios	31
CAPÍTULO 4	
O misticismo da criação.....	41
CAPÍTULO 5	
Um pietismo judaico da Idade Média: o chassidismo alemão	45

CAPÍTULO 6	
A Cabalá extática espanhola.....	59
CAPÍTULO 7	
A Cabalá teosófica	67
CAPÍTULO 8	
A Cabalá palestinese da redenção	77
CAPÍTULO 9	
A transposição da Cabalá para a política e para a história	81
CAPÍTULO 10	
O chassidismo polonês, um novo encontro com Deus.....	91
Final	101
Bibliografia.....	103



Sobre o autor

Walter Rehfeld nasceu em Frankfurt em 1920 e faleceu no Brasil em 1993. Pretendia ser rabino quando jovem e, por isso, frequentou a Academia para as Ciências do Judaísmo, em Berlim, até 1938, quando, na fatídica “Noite de Cristal”, o regime nazista prendeu 30 mil judeus — inclusive seu pai — e incendiou sinagogas e escolas judaicas, fechando para sempre a academia em que estudava.

Com sua carreira subitamente interrompida, Walter Rehfeld refugiou-se na Inglaterra e de lá veio para o Brasil, onde durante 20 anos trabalhou no comércio. No entanto, o interesse pelos fenômenos religiosos subsistiu. Publicações na Revista Brasileira lhe valeram a admissão aos exames vestibulares da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, sem repetição dos cursos do primário e do secundário da escola brasileira.

Defendeu tese de doutoramento em 1972, abordando o tema “Considerações sobre a ocorrência de estruturas de consciência religiosa em filosofia”, em que ele demonstrou que mesmo o pensamento filosófico ateu mantém uma estrutura tipicamente religiosa.

Além de suas atividades como professor da Faculdade de Filosofia da USP, onde ministrou cursos sobre cultura e filosofia judaica

e Literatura hebraica clássica, o Professor Rehfeld manteve colaboração regular durante 20 anos na Resenha judaica, além de promover cursos livres de introdução à mística judaica em várias universidades paulistas. Coordenou também as atividades culturais da Congregação Israelita Paulista, que dispõe de biblioteca especializada em assuntos judaicos.



Apresentação

Antes de iniciar este trabalho de introdução ao misticismo judaico, gostaria de dar alguns esclarecimentos. Talvez vocês se decepcionem, porque não posso e nem pretendo tornar nenhum de vocês, místico. Eu, pessoalmente, não sou místico e não pretendo aqui fazer nenhum tipo de apostolado. Gostaria de mostrar a vocês o que se apresenta a mim como algumas — não todas — verdades acerca do misticismo; verdades que creio cientificamente estabelecidas, objetivas. Vou apresentá-las apenas. Não recomendo nada. De modo que ninguém vai terminar esta leitura pretendendo fazer mágicas ou milagres a partir do que foi exposto, nem aprenderá a usar poderes sobrenaturais com esta série de palestras.

Antes de mais nada, creio que este é o lugar de uma pequena homenagem a Gershom Scholem, que nasceu a 5 de dezembro de 1897 e faleceu há não muito tempo, no dia 21 de fevereiro de 1982. Sem Gershom Scholem eu não poderia dar este curso. Não apenas porque eu não teria aprendido muita coisa, mas também porque ele abriu uma abordagem totalmente nova ao misticismo.

Até Gershom Scholem, havia duas posições básicas em relação ao misticismo judaico e à Cabalá: uma de cientistas racionalistas como Graetz, Baeck e outros, que olhavam o misticismo com algum

desprezo. Achavam que isto é mais uma brincadeira, uma vez que uma coisa realmente séria deveria ser lógica e rigorosa; acontece que o misticismo não é lógico nem, tampouco, rigoroso. A outra posição é a daqueles que são adeptos irrestritos, são místicos e nada mais, que acreditam em toda e qualquer palavra do seu mestre e não aceitam nenhuma crítica, nenhuma observação da razão.

Gershom Scholem inaugurou uma terceira abordagem, a abordagem científica, observando o misticismo como uma entre as realidades humanas e que, portanto, deve ser estudado como tal. Vale muito a pena estudar o misticismo, porque ele abre toda uma região ainda pouco conhecida da alma humana. Aliás, esta é também uma das minhas paixões: o estudo das religiões, o estudo dos fatos religiosos. Eu não sou um grande apaixonado, mas sou um estudioso dos fatos religiosos. Entre eles, a experiência mística é um dos mais importantes.

Etimologia e significação do termo misticismo

Tentarei explicar do que se trata quando se fala em experiência mística. Há uma raiz comum às palavras mística, misticismo, mistagogo, mistério: é o *MI*, que tem sua origem na palavra grega *myeín*, que pode ser traduzida por fechar. Portanto, todas estas palavras têm algo a ver com fechar. E o que é fechado? Uma experiência milenar humana aprendeu a fechar os meios de comunicação com o mundo exterior para permitir que novas experiências aconteçam.

A base do misticismo — de todas as formas de misticismo — é, portanto, esta técnica de fechar a boca e os demais sentidos. Todos os misticismos da humanidade têm as suas técnicas para alcançar este fechamento. O yogui fecha totalmente os sentidos através da meditação. Na dança extática, como presenciamos na umbanda, o místico também fecha os sentidos para o mundo exterior e se perde na dança. O ritmo da dança extática ou a concentração em determinados conceitos ou palavras produzem este fechamento dos demais sentidos e, portanto, da comunicação com o exterior. Há, também, as drogas, utilizadas pelo homem há milênios, que abrem as possibilidades de novas experiências dentro dele. E, dessa forma, à medida que o homem consegue se desligar deste mundo, ele alcança uma experiência nova e inédita de um mundo superior, de um mundo di-

vino. Evidentemente, essa experiência é também possível através do estudo profundo. Muitos estudiosos, durante a noite, em suas câmaras solitárias, subitamente chegam a ver essas realidades.

Existe algo que Tomás de Aquino chamou com muita propriedade de *Cognitio Dei Experimentalis*, que no fundo é o que todos nós chamamos de experiência mística. É interessante notar que justamente um racionalista como ele tenha dado uma definição tão perfeita daquilo que é a experiência mística. Um pouco antes, um grande comentador judaico da Bíblia também chegara à mesma conclusão. Trata-se de Abraham Ibn Ezra, que viveu de 1090 a 1167.

Ibn Ezra formulou praticamente o mesmo conceito na interpretação de um salmo. Ele foi um dos maiores — senão o maior — comentarista da Bíblia hebraica. No salmo 34, versículo 9, há algumas palavras que em hebraico são: “Ta’amu Ure’u ki tov Adonai”. “Ta’uamu” significa “sintam”, “experimentem”. “Taam” é o gosto, o paladar. Então: “gostem e vejam como Deus é bom”. Ibn Ezra diz, então, que aqui não se trata de paladar. Para ele, o “gostem” é uma impressão do coração e o vejam é o ver da mente. Coração e mente podem, então, experimentar sensivelmente, mas não pelos sentidos do corpo, como Deus é bom. Isto é a *Cognitio Dei Experimentalis* de Tomás de Aquino, ou seja, uma cognição do divino através de uma experiência empírica.

Com base nessas duas autoridades, eu chegaria à conclusão de que misticismo é um provar e um ver de Deus, com a exclusão da experiência sensível, mas através de uma experiência que não passa pelos sentidos.

Conta-se uma historiazinha hindu que caracteriza uma parte muito importante da experiência mística. Um amante, certa vez, foi visitar a amada. Chegou à noite à casa dela e bateu à porta. Veio, lá de dentro, a voz da amada perguntando: “Quem é?”. Ele respondeu: “Sou eu”. Ela, então, disse: “Desculpe, mas não posso abrir a porta. Volte amanhã”. O amante saiu meio desapontado e, numa das noites seguintes, resolveu tentar outra vez. Quando ele viu novamente a porta fechada, bateu e a mesma voz perguntou: “quem é?” e ele respondeu: “és tu”. Imediatamente a porta se abriu.

Esta é uma das experiências fundamentais da mística, particularmente da mística hindu e grandemente da mística cristã, em que,

ao experimentar sensivelmente, empiricamente o divino, o indivíduo se afunda, se adianta dentro. Ele perde totalmente a sua identidade e se identifica com o divino. Isto é o que chamamos *Unio Mística* e representa o coroamento do caminho de muitos místicos. Na mística hindu, há o samadhi; na mística budista, o nirvana e no cristianismo, o transe de alguns místicos em total identificação com Cristo.

Na mística judaica isso muito raramente acontece, porque a experiência religiosa judaica foi durante milênios uma experiência dialógica. Toda a Bíblia¹ é um testemunho do diálogo entre o crente e o divino. No momento em que há uma união entre o místico e o divino, todo o diálogo desaparece e, portanto, o judeu se satisfaz apenas com o que, em hebraico, se chama *Devecut*, ou seja, uma grande proximidade. *Dabec*, que significa “colar”, indica uma aderência ao divino e nunca uma identificação. Na experiência mística judaica, geralmente, o místico permanece fora do divino, com a possibilidade de adorá-lo, de venerá-lo e dirigir-se a ele em diálogo. O misticismo é definido nesse salmo como um provar e um ver de Deus, nunca um entrar em Deus.

O misticismo é, portanto, uma forma de conhecimento; esta própria aventura de conhecer Deus já é algo muito questionável para o judaísmo clássico. Isto porque o judaísmo nasceu com uma forte antagonia a todo tipo de teologia. Na Bíblia não se encontra nenhum parágrafo de teologia. Tudo nela é uma procura do que *Deus quer* e não do que *Deus é*. O segundo mandamento proíbe rigorosamente qualquer tentativa de formar imagens do ser de Deus, o que tornou durante muito tempo a filosofia teológica uma aventura proscrita, além de toda tentativa das artes plásticas. Evidentemente, toda fantasia de imaginar o divino em determinadas formas estava originalmente proscrita. Nesse sentido, o misticismo no judaísmo representa certo desvio.

O misticismo é também uma atitude revolucionária em todas as religiões, porque, à medida que se pode ter uma experiência direta do

1 Bíblia, literalmente Livro. Originalmente dividida em 24 livros canônicos sagrados. Contém 3 seções (Torá, Nevi'im, Ketuvim). A tradição cristã acrescentou à Bíblia outros escritos judaicos do período do Segundo Templo (Apócrifos), dando ao conjunto o nome de Velho Testamento e anexando-lhe o Novo Testamento (que consiste de escritos inteiramente cristãos).

divino, não é preciso mais ler em Tomás de Aquino o que é Deus. Não é preciso mais folhear os volumes de Maimônides para descobrir o que é Deus. É possível, dentro de si mesmo, encontrar o que é Deus. E, portanto, todas as religiões têm certa dificuldade em digerir os seus misticismos. Estes podem com muita facilidade derrubar velhas doutrinas, velhas crenças e colocar algo de totalmente inédito no lugar. Nenhuma religião instituída gosta disso. Ou elas englobam o místico na sua própria doutrina, ou o excomungam, como já aconteceu muitas vezes.

A religião instituída é sempre bastante cética com relação aos misticismos; a Igreja católica, por exemplo, faz os maiores exames antes de confirmar um milagre ou qualquer experiência do gênero. Somente depois ela proclama um novo santo ou um milagre. Uma coisa semelhante acontece também no judaísmo e em todas as demais religiões. Necessariamente isso acontece porque, diante do misticismo, nenhum dogma, nenhuma doutrina, ou seita ou religião institucionalizada está segura de objeções.

Contudo, os misticismos têm uma profunda ligação com a religião. Embora existam em muitas culturas e possuam certa semelhança estrutural uns com os outros, há também diferenças entre eles. O misticismo cristão, por exemplo, é aquele que nasceu do cristianismo, assim como o misticismo hindu é aquele que nasceu do hinduísmo e o misticismo judaico é aquele que nasceu do judaísmo. Cada um deles utiliza as experiências milenares das religiões das quais provêm para se expressar. Uma vez que são incapazes de se expressar em linguagem direta (para o místico, a água não é apenas água e o ar não é apenas ar) e toda a sua linguagem seja simbólica, estes misticismos não conseguem evitar o uso dos conceitos das religiões das quais provêm. Evidentemente, aqui se tem o caso em que não somente a experiência molda a linguagem, mas a linguagem também molda a experiência.

Para alguém que provenha do pensamento cristão da trindade e da concepção imaculada e assim por diante, os símbolos de determinada experiência serão muito diferentes de alguém que está acostumado a pensar em termos de revelação no Sinai, de *Mitzvá*², de

2 Existem na Torá, segundo ensinamentos do Talmud, 613 Mitzvot, que são a soma das 365 proibições e 248 determinações. Este conjunto simboliza que os mandamentos

mandamentos, de vontade divina que deve ser cumprida e assim por diante. A mesma coisa acontece no misticismo hindu que desenvolve noções bastante abstratas do Brahma, do espírito universal criador que permeia e orienta o mundo, do Átman, da essência, da alma, noções que permeiam e orientam o ser humano. E a identidade de Brahma e Átman é a grande experiência do misticismo hindu, que já não teria o mesmo significado para um cristão ou um judeu, porque simplesmente esta linguagem não lhes está disponível.

Há, também, certa relação entre o misticismo e a experiência científica. Ambos são empíricos, ambos proclamam que não se deve crer antes de ver, que não se deve crer antes de experimentar. Assim como há uma base empírica para o pensamento científico, há também para o pensamento místico.

Somente a linguagem difere. Enquanto a linguagem científica é direta, a mística é simbólica. As duas, no entanto, através das suas experiências, são de certa forma revolucionárias. No fundo, todo grande cientista é um subversivo. É alguém que reexamina o que os cientistas antes dele estabeleceram e consagraram, começando a criticar teorias aceitas e chegando a mostrar que existem outras possibilidades de interpretar, que até provavelmente estarão mais bem fundamentadas pelas experiências. Isto acontece tanto na prática científica, quanto na mística.

Gostaria ainda de indicar a posição que o misticismo ocupa dentro do desenvolvimento da religiosidade. A religiosidade, vista aqui não como religião instituída, mas como um dado antropológico universal, surge da necessidade do ser humano de encontrar contexto e sentido na vida. A fenomenologia husserliana mostra, através do conceito de intencionalidade, como em todo ato consciente algo é conscientizado e alguém conscientiza: “Eu amo alguém, eu odeio alguém, eu conheço alguém, eu sinto algo”. Em todas estas afirmações, o homem polariza a sua realidade em autor do ato consciente e objeto. Assim o primeiro acaba numa posição isolada do mundo. Assim acontece que nós próprios nos sentimos jogados no mundo. Não es-

atingem o homem em todo o seu físico e em todo o seu tempo de vida. 248 é o número dos membros do corpo humano, segundo a medicina antiga; 365 é o número de dias do ano.

colhemos quando nascer, quem serão nossos pais, irmãos, pátria e época. Nós todos nascemos no século XX e, talvez, preferíssemos ser compatriotas de Platão. Contudo, o homem não foi consultado; ele sente-se, portanto, dominado por forças sobre as quais não tem poder nenhum. Sente, então, uma necessidade enorme de se relacionar com estas forças, porque somente assim verá sentido em sua existência. Isto é universal, acontece em todas as culturas.

Esta experiência de solidão, esta procura de um contexto universal, já seria em si uma experiência mística. Uma experiência que polariza entre o Eu e o Mundo, deve também encontrar um eixo que una esses dois polos. À medida que se pensa e se sente isso, vive-se, de certa forma, uma experiência religiosa direta e imediata, que desemboca nos ensinamentos de uma religião específica. Com isso quero dizer que em toda religião existe o elemento místico que contribuiu para a sua formação.

No judaísmo há certamente algo de místico nas profecias e também em livros como o dos Juízes. Há na Bíblia até fenômenos como danças semelhantes às dos cultos afro-brasileiros e profecias extáticas. Tudo isso, porém, é logo enquadrado num ensinamento oficial, que vai se constituir na religião instituída. A religião formal tem, portanto, a experiência mística como um de seus fatores constituintes. O outro fator é a autoridade e um terceiro é a lógica. Em todas as religiões aparecem reflexões lógicas bastante elaboradas que pretendem provar tudo o que é possível acerca de Deus.

É provável que, inicialmente, houvesse um relacionamento de harmonia entre o homem e a natureza. Esta harmonia não era dissecada nem por conceitos de imaginação religiosa, nem pela reflexão lógica. A experiência superior de ver o nascimento do sol não se associava à criação de uma divindade solar. Percebia-se o poder restaurador e refrescante de uma fonte — particularmente no deserto — sem ainda colocar esta fonte como divindade. A vida toda era uma harmonia e o indivíduo sentia as forças que o rodeavam e obedecia àquilo que sentia serem os ensinamentos dessas forças. Não havia conflito.

Mais tarde, quando o pensamento humano tenta penetrar nessa relação, quando surgem os deuses do sol, do mar, da fonte, do vento

e assim por diante, esta harmonia inicial é destruída. Não apenas porque os vários deuses podem entrar em conflito, como também porque o ser humano já não está mais seguro de como se comportar.

Existe um belíssimo Midrash, uma interpretação da Bíblia do tempo talmúdico, que vai mostrar um pouco o que tentei lhes explicar talvez de uma forma seca demais. Segundo a Bíblia, Abraão foi o primeiro monoteísta. Como a tradição judaica interpreta este monoteísmo?

Segundo o Midrash, Abraão era filho de um fabricante de ídolos. Um dia seu pai teve de fazer uma viagem de negócios e deixou o filho na loja. Logo veio alguém para comprar um ídolo. Abraão perguntou a este freguês: “Que idade o senhor tem?”. Ele respondeu: “Eu tenho 55 anos”. “Coitado — disse Abraão — daquele que tem 55 anos e vai se posternar diante daquilo que foi feito ontem.” Logo em seguida, veio outra freguesa, que queria levar os seus ídolos bem satisfeitos. Por isso, antes de transportá-los para casa, ela quis que lhes fossem servidas várias comidas e pediu ao vendedor que as desse aos seus deuses. Quando ela saiu da loja, Abraão pegou um pau e quebrou todos os ídolos, menos o maior, e colocou o pau nas mãos do ídolo grande.

Quando o pai voltou, ele ficou abismado e disse: “Como é possível ter acontecido?”. Abraão disse: “Não vou esconder a verdade de meu pai. Veio uma freguesa que queria levar os ídolos só depois de oferecer-lhes comida. Deixou a comida aqui e, quando eu quis oferecer a comida, cada um dos ídolos começou a gritar ‘eu vou comer primeiro’, até que o maior de todos pegou este pau e quebrou todos os demais”. O velho disse: “Você não quer que eu acredite que eles sejam capazes disto?”. Então, Abraão respondeu: “Gostaria que tua compreensão realizasse o que teus lábios agora acabaram de falar”.

Depois desse episódio, evidentemente ele não podia ficar e teve de sair de sua casa, de sua Pátria, para uma terra que Deus lhe mostraria. Essa história não é apenas deliciosa por seu humor e sua ironia, mas ela também é extremamente profunda, porque mostra que para os judeus a verdadeira contradição da idolatria não consiste na existência de múltiplos deuses, mas está na multiplicidade de vontades divinas. Para a consciência religiosa judaica isto é impossível. A consciência só

pode ser uma; o valor, o exigido, a norma só pode ser uma. Portanto, se a vontade divina só pode ser uma, Deus só pode ser um.

O caminho do monoteísmo ético judaico é exatamente o inverso do caminho do monoteísmo naturalista dos egípcios. O primeiro parte da vontade divina e do dever-ser, daquilo que deveria ser e não é, para chegar à unidade divina; enquanto o monoteísmo naturalista parte de uma existência una, de um ser uno, de um ser divino, para chegar daí a uma única vontade.

Ocorre muitas vezes certa confusão entre os conceitos de mística e mitologia. Por isso gostaria de deixá-los bem claros. Como mística definimos a *Cognitio Dei Experimentalis*, que quer dizer a experiência empírica do divino. A mitologia certamente parte também desta experiência, mas ela não é esta experiência.

A mitologia é uma tentativa de explicação; é explicação pré-científica do mundo, em que a mente humana recorre a histórias que tratam de forças e poderes antropomórficos. Quer dizer, nosso mundo resulta da morte, da vida e da ação de muitos deuses, das suas brigas e das boas relações entre eles. Têm-se histórias familiares, inúmeras crises políticas e até guerras entre os deuses. Tudo isto para explicar o mundo que nos cerca. Então, mitologia não é uma experiência direta do divino, mas uma forma de interpretação do mundo, em que esta experiência do divino entra como um dos dados. Contudo, a característica do *Mithos* é explicar como aquilo que é chegou a ser, lançando mão da história dos deuses e dos poderes superiores, todos em forma humana.

E, finalmente, tanto a mitologia como a mística dão em magia. No fundo, a magia não é outra senão a técnica do misticismo e da mitologia. Assim como a experiência científica desenvolve uma técnica, para fazer uso das forças que nos cercam, em favor dos nossos propósitos, assim a magia é uma técnica que tenta utilizar-se das realidades de que o misticismo dá testemunho e que a mitologia interpreta.



Que tal continuar a leitura?

Adquira já o seu exemplar!



Comprar